

PRÁTICAS DE ESG EM COOPERATIVAS DE CRÉDITO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

ESG PRACTICES IN CREDIT COOPERATIVES: A SYSTEMATIC LITERATURE REVIEW

BRUNA APARECIDA SPIES

brunaspies@unochapeco.edu.br
Universidade Comunitária da Região de Chapecó –
UNOCHAPECO
<https://orcid.org/0009-0000-3960-2410>

CLEUNICE ZANELLA

cleunice@unochapeco.edu.br
Universidade Comunitária da Região de Chapecó –
UNOCHAPECO
<https://orcid.org/0000-0001-8243-9022>

R E S U M O

Este estudo analisou como a literatura científica apresenta, de forma integrada, as práticas ESG (*Environmental, Social and Governance*) e o desenvolvimento de cooperativas de crédito. Para isso, realizou-se uma revisão sistemática da literatura, fundamentada nas diretrizes do modelo PRISMA, com buscas nas bases Scopus, Web of Science e ScienceDirect. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 30 artigos para análise qualitativa. Os estudos foram organizados em quatro eixos temáticos: desempenho e gestão de riscos ESG; divulgação de sustentabilidade, transparência e reputação; inovação e transformação digital no setor bancário; e sustentabilidade em contextos específicos. Os resultados evidenciam que as práticas ESG são reconhecidas como relevantes para a estabilidade financeira e a reputação institucional, especialmente em bancos cooperativos. Contudo, ainda são limitadas as pesquisas que abordam de forma integrada ESG, inovação e cooperativismo. Conclui-se que há afinidade entre os princípios cooperativistas e os pilares ESG, reforçando o papel das cooperativas como agentes de desenvolvimento sustentável e transformação social. O estudo contribui para a sistematização da literatura científica e para a identificação de lacunas teóricas sobre o tema.

P A L A V R A - C H A V E

Inovação; Sustentabilidade; Governança.

A B S T R A C T

This study analyzed how scientific literature presents, in an integrated manner, ESG practices (Environmental, Social and Governance) and the development of credit cooperatives. To achieve this, a systematic literature review was conducted based on the PRISMA guidelines, using searches in the Scopus, Web of Science, and ScienceDirect databases. After applying the inclusion and exclusion criteria, 30 articles were selected for qualitative analysis. The studies were organized into four thematic axes: ESG performance and risk management; sustainability disclosure, transparency and digital transformation in the banking sector; and sustainability in specific contexts. The results evidence that ESG practices are recognized as relevant for financial stability and institutional reputation, especially in cooperative banks. However, research that addresses ESG, innovation and cooperativism in an integrated way is still limited. It is concluded that there is affinity between cooperative principles and ESG pillars, reinforcing the role of cooperatives as agents of sustainable development and social transformation. The study contributes to the systematization of scientific literature and to the identification of theoretical gaps on the topic.

ency, and reputation; innovation and digital transformation in the banking sector; and sustainability in specific contexts. The results indicate that ESG practices are recognized as relevant to financial stability and institutional reputation, especially in cooperative banks. However, studies addressing ESG, innovation, and cooperativism in an integrated manner are still limited. It is concluded that there is an affinity between cooperative principles and ESG pillars, reinforcing the role of cooperatives as agents of sustainable development and social transformation. The study contributes to the systematization of scientific literature and to the identification of theoretical gaps on the topic.

KEYWORDS

Innovation; Sustainability; Governance.

INTRODUÇÃO

A crescente pressão da sociedade por práticas de responsabilidade socioambiental tem desafiado as cooperativas de crédito a incorporarem os princípios do ESG (*Environmental, Social and Governance*) em suas operações. O conceito de ESG surgiu como uma resposta à crescente conscientização sobre os impactos das empresas no meio ambiente e na sociedade. Embora a responsabilidade social corporativa já fosse debatida há décadas, o ESG representa uma abordagem mais estruturada e holística para avaliar o desempenho organizacional, incorporando três pilares fundamentais: Ambiental, Social e Governança. Para as empresas, adotar práticas alinhadas ao ESG pode gerar diversos benefícios, como maior resiliência, redução de riscos e fortalecimento da reputação institucional (Bezerra Júnior, 2023). Nesse contexto, as Cooperativas precisam inovar constantemente para manter sua relevância e competitividade, utilizando o ESG como base para transformar processos, engajar comunidades e atender às novas exigências dos cooperados e da sociedade em geral.

De acordo com Zeng, Li e Zeng (2022), o ESG constitui a estrutura central para alcançar o desenvolvimento sustentável, representando a prática e o desempenho das organizações nos aspectos Ambiental, Social e de Governança. Tal perspectiva reforça que o ESG não deve ser compreendido apenas como um conjunto de diretrizes ou relatórios institucionais, mas como um modelo integrado de gestão que une estratégia organizacional à tomada de decisões.

Ao priorizar aspectos como preservação ambiental, responsabilidade social e ética corporativa, o ESG se consolida como um instrumento capaz de alinhar o crescimento econômico aos interesses coletivos e às demandas das gerações futuras. Para organizações que operam sob os princípios cooperativistas, como é o caso das cooperativas de crédito, essa estrutura possui ainda mais relevância, pois converge com valores fundacionais como cooperação, solidariedade e compromisso com o desenvolvimento local. Nesse sentido, a adoção de práticas ESG representa mais do que uma adequação a tendências globais: trata-se de uma estratégia de fortalecimento institucional e econômico, contribuindo para a sustentabilidade dos negócios

As dimensões do ESG apresentam grande afinidade com os Princípios que norteiam o Cooperativismo. A dimensão Ambiental está alinhada com o Princípio do Interesse pela Comunidade, expresso em iniciativas voltadas à preservação ambiental e ao desenvolvimento sustentável local. A dimensão Social reflete valores como Participação Econômica dos Membros, educação, formação e informação, além da Intercooperação, que promovem inclusão, solidariedade e bem-estar coletivo. Já a dimensão de Governança relaciona-se diretamente com os princípios da Gestão Democrática e da Autonomia e Independência, que asseguram a participação ativa dos cooperados nas decisões e a transparência na administração. Essa convergência entre ESG e Cooperativismo reforça o potencial das Cooperativas para liderar práticas sustentáveis e impulsionar transformações socioeconômicas consistentes (Sicoob, 2023).

A cooperativa é um tipo de modelo de negócios pelo qual pessoas físicas e jurídicas se juntam em torno de um mesmo objetivo, visando o desenvolvimento econômico e social da coletividade e a distribuição de riqueza proporcional ao trabalho de cada associado. Essa visão evidencia o papel das Cooperativas como agentes de transformação socioeconômica. Além disso, segundo o Sistema Cooperativo, as Cooperativas de Crédito são guiadas por Sete Princípios Fundamentais: Adesão Livre e Voluntária, Gestão Democrática, Participação Econômica dos Membros, Autonomia e Independência, Educação, Formação e Informação, Intercooperação e Interesse pela Comunidade (OCB, 2025). Esses princípios são fundamentos, pois reforçam o caráter colaborativo e sustentável do modelo cooperativo, tornando-o ainda mais pertinente frente às exigências de um mundo que demanda soluções com impactos socioeconômicos positivos.

Para Krug (2023), as práticas organizacionais e cooperativistas compartilham diversos pontos de convergência, especialmente no que diz respeito à governança, responsabilidade social e sustentabilidade. Barbieri (2023) argumenta que inovações alinhadas ao desenvolvimento sustentável buscam resultados positivos nas dimensões Econômica, Social e Ambiental — ou, ao menos, buscam neutralizar impactos negativos ao meio social e ambiental. Neste cenário, Inovação e ESG se apresentam como dimensões complementares dentro do ambiente organizacional. A inovação impulsiona a adoção de práticas ESG ao propor soluções criativas para desafios sociais, ambientais e de governança, enquanto os princípios ESG desafiam as organizações a inovar continuamente em busca de práticas mais sustentáveis, inclusivas e éticas (Jesuka, 2025).

Considerando este cenário, evidencia-se a necessidade de aprofundar o entendimento teórico sobre como essas três dimensões – ESG, Inovação e Cooperativismo de Crédito - se articulam e contribuem, conjuntamente, para o desenvolvimento das organizações cooperativas. Apesar do avanço nas discussões individuais sobre cada um desses temas, ainda são escassos os estudos que integram esses pilares de forma sistêmica. Tal lacuna justifica a realização da presente revisão sistemática, cujo propósito é mapear, organizar e analisar as principais abordagens existentes sobre o tema. Dessa forma, este estudo busca responder à seguinte questão de pesquisa: **Como a literatura científica discute a inter-relação entre práticas ESG e o desenvolvimento de cooperativas?**

Apesar do crescente interesse acadêmico e institucional pelas temáticas de ESG, inovação e cooperativismo, a produção científica nacional e internacional ainda apresenta abordagens fragmentadas quanto à integração dessas dimensões, especialmente no contexto das cooperativas de

crédito. Essa lacuna foi evidenciada no estudo de Spies e Zanella (2025), que, a partir da análise da produção científica sobre a temática, identificou que os estudos existentes tendem a investigar relações específicas entre ESG, inovação, sustentabilidade e desempenho organizacional, sem uma abordagem integrada voltada à institucionalização dessas práticas nas cooperativas de crédito. Essa fragmentação pode ser observada em estudos como o de Nițescu et al. (2025), que analisaram os fatores ESG sob uma perspectiva estratégica no setor bancário, destacando sua relação com a criação de valor, atração de investimentos e diferenciação competitiva, e o de Siregar et al. (2024), que examinaram a influência do desempenho ESG sobre a divulgação da sustentabilidade, considerando a inovação verde e o sentimento dos investidores como fatores mediadores. Assim, embora a literatura demonstre avanços na compreensão das relações entre ESG, inovação e desempenho organizacional, permanece uma lacuna quanto à análise conjunta da institucionalização de práticas de inovação e ESG no contexto específico das cooperativas de crédito (Spies & Zanella, 2025).

Diante disso, o objetivo geral desta pesquisa é avaliar como a literatura científica tem abordado, de forma integrada, os temas de Práticas ESG e o desenvolvimento de Cooperativas de Crédito, por meio de uma revisão sistemática da produção acadêmica.

A sistematização do conhecimento sobre a inter-relação entre ESG e Cooperativismo de Crédito, poderá subsidiar novas pesquisas, orientar estratégias organizacionais e fortalecer o papel das Cooperativas como agentes de desenvolvimento sustentável e transformação social.

PRÁTICAS DE ESG E INOVAÇÃO EM COOPERATIVAS DE CRÉDITO

A sigla ESG, em inglês, significa *Environmental, Social and Governance*, e pode ser traduzida para o português como “Ambiental, Social e Governança” razão pela qual também é frequentemente referida como ASG. As três dimensões que compõem o termo tornaram-se, nos últimos anos, centrais no discurso e na prática das organizações contemporâneas (Atchabahian, 2022; Ribeiro, 2024).

Atualmente, ESG não é mais uma escolha estratégica opcional, mas sim um pressuposto para a perenidade dos negócios (Soler & Palermo, 2023). Preocupações com o meio ambiente, com questões sociais em sentido amplo e com a governança corporativa estão no centro das discussões mais relevantes sobre o futuro das empresas e do próprio capitalismo global (Atchabahian, 2022).

O termo foi introduzido oficialmente em 2004, por meio da publicação *Who Cares Wins*, fruto de uma parceria entre o Pacto Global da Organização das Nações Unidas (ONU) e o Banco Mundial. Essa iniciativa surgiu a partir de uma provocação do então secretário-geral da ONU, Kofi Annan, a cinquenta diretores executivos de grandes instituições financeiras, entre elas Banco do Brasil, HSBC, Morgan Stanley, Goldman Sachs, Deutsche Bank, UBS e Credit Suisse, questionando como integrar fatores sociais, ambientais e de governança ao mercado de capitais (Pacto Global, 2025; Atchabahian, 2022). A partir de então, o mercado passou a considerar com mais atenção essas questões, indo além da lógica tradicional de maximização do lucro.

Há também uma simbologia na ordem das letras que compõem a sigla: o “E” – *Environmental* (Ambiental, em língua inglesa), vem em primeiro lugar porque, sem um planeta habitável, as demais

dimensões perdem sua razão de ser (Atchabahian, 2022). Dentro dessa dimensão, incluem-se temas complexos como o aquecimento global e a emissão de carbono, a biodiversidade, o desmatamento, a eficiência energética e a escassez de água (Soler & Palermo, 2023). O aspecto ambiental (E) refere-se à oportunidade das empresas de preservar os recursos naturais em seus processos, reduzindo as chances relacionadas à degradação ambiental. (Dicuonzo *et al.*, 2022).

O “S” – Social, refere-se à proteção das pessoas, sendo essencial para a continuidade da vida no planeta. Trata-se de uma dimensão menos tangível e de mais difícil mensuração, mas que envolve diretamente a forma como a empresa lida com temas como satisfação dos clientes, proteção de dados e privacidade, diversidade e inclusão, engajamento de funcionários, relacionamento com a comunidade, respeito aos direitos humanos e conformidade com as leis trabalhistas (Atchabahian, 2022; Soler & Palermo, 2023; Ruggie, 2021). Como destacam os autores, não se pode pensar em processos corporativos sem considerar a centralidade das pessoas, visto que são elas que compõem, operam e sustentam as organizações. O aspecto social (S) refere-se à maneira com que as empresas propiciam confiança, zelam pelo respeito e bem-estar de seus colaboradores. (Dicuonzo *et al.*, 2022).

Por fim, o “G” diz respeito à Governança Corporativa, ou seja, à forma como as empresas são administradas e supervisionadas. Essa dimensão abrange o fortalecimento da cultura organizacional e dos valores institucionais, bem como o controle da ética, a prevenção a práticas desleais, fraudes e corrupção (Soler & Palermo, 2023). Segundo Pinho *et al.* (2020), a governança relaciona-se diretamente à forma como uma empresa é dirigida, administrada e controlada, envolvendo tanto os interesses internos quanto os externos. Para manter o equilíbrio entre as partes interessadas, é imprescindível a implementação de mecanismos eficazes de controle, com o objetivo de minimizar conflitos de interesse.

O aspecto de Governança corresponde às políticas e à capacidade das empresas de lidar com os interesses de seus acionistas, clientes e outros interessados, por meio da melhoria na transparência das informações organizacionais (Dicuonzo *et al.*, 2022). O maior desafio contemporâneo relacionado à governança está em garantir que os projetos voltados à proteção ambiental e social sejam realmente incorporados aos valores centrais da organização. Essa incorporação deve ser percebida não apenas pelas lideranças, mas também por trabalhadores, fornecedores e todos os stakeholders envolvidos (Atchabahian, 2022).

Assim, compreender as práticas de ESG torna-se essencial para avaliar os caminhos possíveis rumo a modelos organizacionais mais responsáveis e sustentáveis. Nesse contexto, a inovação surge como uma aliada estratégica para viabilizar transformações concretas. O termo inovação é utilizado em diferentes abordagens e pode ser aplicado a variados contextos. Nesse sentido, é inevitável recorrer à contribuição de Schumpeter (1949), que atribui à inovação um papel central na explicação do desenvolvimento econômico. Desde então, novos avanços teóricos têm sido realizados com o objetivo de compreender mais profundamente esse fenômeno.

A inovação é impulsionada pela capacidade de estabelecer conexões, identificar oportunidades e explorá-las estrategicamente (Tidd & Bessant, 2015). Drucker (1985) reforça essa perspectiva ao afirmar que a inovação é a ferramenta específica dos empreendedores, sendo o meio pelo

qual eles transformam mudanças em oportunidades para novos produtos e serviços. Segundo o autor, a inovação pode ser compreendida como uma disciplina que pode ser aprendida e praticada.

Nesse contexto, Porter (1990) observa que as empresas conquistam vantagem competitiva por meio de ações inovadoras, compreendendo a inovação em seu sentido mais amplo, incluindo tanto novas tecnologias quanto novas formas de operar e organizar processos. A associação entre inovação e crescimento também é destacada por Bessant & Tidd (2019), ao afirmarem que novos negócios emergem a partir de ideias inovadoras, contribuindo para a geração de vantagem competitiva na oferta de produtos e serviços.

Novas tecnologias podem viabilizar a criação de produtos e serviços antes inexistentes, representando soluções para problemas sociais ou econômicos e promovendo avanços na qualidade de vida das pessoas (Salim, 2009). Além da dimensão tecnológica, a inovação também pode impulsionar a sustentabilidade corporativa ao promover novos modelos de negócios voltados a objetivos sociais, ambientais e econômicos, especialmente em segmentos que demandam soluções sustentáveis (Forcadell et al., 2019). Dentro dessa lógica, o desenvolvimento sustentável busca atender às necessidades das gerações atuais e futuras.

A literatura especializada emprega diferentes denominações para descrever esse tipo de inovação voltada à sustentabilidade, tais como: inovação ambiental, inovação ecológica, ecoinovação, ecodesign e inovação verde. Em todas essas abordagens, o objetivo comum é desenvolver práticas e soluções que promovam resultados positivos nas dimensões econômica, social e ambiental ou, ao menos, que neutralizem ou evitem impactos negativos ao meio ambiente e à sociedade (Barbieri, 2023). Diante disso, observa-se que a inovação e o ESG são dimensões complementares no contexto organizacional contemporâneo. Essa articulação ganha contornos ainda mais relevantes quando aplicada ao contexto do cooperativismo, especialmente no setor de crédito.

Ao considerar os desafios e oportunidades trazidos pela inovação e pelas práticas ESG, destaca-se o modelo cooperativista como uma alternativa viável e sustentável frente às exigências econômicas e sociais do século XXI. O cooperativismo é uma forma de empreender coletivamente, presente em diversos setores da economia, como o agronegócio, a saúde, os serviços financeiros, a educação, a geração de energia, o transporte, o consumo, o turismo, entre outros. Trata-se de uma prática baseada no princípio da união para o fortalecimento mútuo (OCB, 2025).

O cooperativismo é um sistema baseado na união de pessoas e não de capital que visa atender às necessidades do grupo e não ao lucro individual, promovendo prosperidade coletiva (Viana et al., 2018). Como modelo econômico sustentável, o cooperativismo se apresenta como uma resposta concreta às demandas do mundo atual, cada vez mais voltado à busca por negócios que promovam impactos socioeconômicos positivos.

As cooperativas são orientadas por sete princípios fundamentais: (i) adesão voluntária e livre; (ii) gestão democrática; (iii) participação econômica dos associados; (iv) autonomia e independência; (v) educação, formação e informação; (vi) intercooperação entre cooperativas; e (vii) interesse pela comunidade. No cooperativismo, a união de pessoas com interesses em comum possibilita conquistas muito maiores do que aquelas alcançadas individualmente, gerando benefícios ampliados para a sociedade como um todo (OCB, 2025).

Em escala global, as cooperativas desempenham um papel expressivo no crescimento econômico sustentável e na geração de empregos de qualidade. Estima-se que mais de 280 milhões de pessoas estejam vinculadas a esse modelo, representando aproximadamente 12% da população mundial engajada em uma das três milhões de cooperativas existentes ao redor do planeta (Vaz & Pigatto, 2023). As cooperativas naturalmente incorporam elementos da sustentabilidade devido à sua relação próxima com as comunidades, com os associados e com a sociedade (Belhouari et al., 2005; Santos, 2012; Cepinskis et al., 2013).

No contexto brasileiro, o sistema cooperativista também exerce influência significativa na economia e no desenvolvimento social. Conforme dados da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB, 2023), o país conta com mais de 4,5 mil cooperativas, que reúnem mais de 23 milhões de cooperados e geram aproximadamente 550 mil empregos diretos. Apenas em 2023, as cooperativas brasileiras desembolsaram mais de R\$ 31 bilhões em salários e encargos, representando um crescimento de 27% em comparação ao ano anterior. Esses números evidenciam o contínuo investimento em capital humano e a valorização da força de trabalho no setor cooperativista.

As cooperativas de crédito são instituições cujo objetivo principal é promover a prestação de serviços financeiros aos seus cooperados, buscando, simultaneamente, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento social (OCB, 2025). Enquanto os bancos exercem papel central na intermediação econômica reunindo e coordenando poupança e investimentos, as cooperativas de crédito surgem como alternativa baseada na cooperação (Jeucken, 2010).

O cooperativismo de crédito teve início em 1849, na Alemanha, como resposta aos juros abusivos praticados pelos bancos. No Brasil, consolidou-se em 1902, no estado do Rio Grande do Sul, com a criação da Sicredi Pioneira RS, a primeira cooperativa de crédito da América Latina. Fundada pelo Padre Jesuíta Theodor Amstad, e inspirada no modelo alemão, a cooperativa atuava junto a pequenos produtores rurais. Hoje, essa instituição é uma das maiores do país (OCB, 2025).

Nesse cenário, as cooperativas de crédito representam uma vertente essencial do cooperativismo. Para Franke (1973), o cooperativismo é um sistema de organização econômica que busca eliminar os desajustamentos sociais originados pelos excessos da intermediação capitalista. Historicamente, o cooperativismo em sentido amplo e o cooperativismo de crédito emergem como respostas a momentos de crise social (Viana et al., 2018). O movimento surge como reação ao capitalismo industrial nascente e à superação do interesse privado sobre o coletivo e comunitário, cujas consequências impactaram negativamente parte significativa da sociedade (Schneider, 1999).

Atualmente presente em todas as regiões brasileiras, o cooperativismo de crédito promove qualidade de vida, geração de oportunidades, sustentabilidade e bem-estar para milhões de pessoas. O setor reúne 700 cooperativas, com 17,9 milhões de cooperados e cerca de 112 mil empregos diretos. Sua solidez é evidenciada por R\$ 809 bilhões em ativos, mais de R\$ 15 bilhões em sobras do exercício e R\$ 98,9 bilhões em patrimônio líquido. O impacto social e territorial também é expressivo: o número de associados passou de 13,9 para 15,5 milhões, e essas cooperativas estão presentes em 332 municípios, com mais de 9 mil unidades de atendimento, consolidando-se como a maior rede de postos de atendimento do país (OCB, 2025).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa, de natureza exploratória, realizada por meio de revisão sistemática da literatura, com o objetivo de identificar, mapear e analisar como a produção científica aborda a inter-relação entre práticas ESG e o desenvolvimento de cooperativas de crédito. A revisão seguiu as diretrizes do PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses), contemplando as etapas de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão dos estudos (PRISMA, 2026).

A coleta de dados foi realizada em 04 de julho de 2025 nas bases Scopus, Web of Science e ScienceDirect, selecionadas para ampliar a abrangência da busca. Adotou-se o recorte temporal de 2015 a 2025, considerando exclusivamente artigos científicos revisados por pares. Os descritores, em língua inglesa, foram combinados pelos operadores booleanos AND e OR, conforme a estratégia: “Environmental Social and Governance” OR ESG OR “Sustainable practices” AND Cooperative OR “Credit cooperative”.

A busca identificou 9.349 registros: Scopus (n = 1.124), Web of Science (n = 3.903) e ScienceDirect (n = 4.322). Após a remoção de 1.077 duplicados, permaneceram 8.272 registros para triagem por título, resumo e palavras-chave. Desse processo, 106 estudos foram selecionados para leitura completa, dos quais 11 não foram recuperados, restando 95 para avaliação de elegibilidade.

Foram incluídos artigos revisados por pares, publicados entre 2015 e 2025, que abordassem pelo menos dois dos eixos centrais da pesquisa: ESG, cooperativas e instituições financeiras, incluindo bancos cooperativos, considerando que, em diferentes contextos internacionais, cooperativas de crédito podem receber essa denominação ou classificação. Os estudos também deveriam apresentar clareza temática e abordagem teórica ou empírica pertinente aos objetivos da pesquisa. Foram excluídos trabalhos fora do escopo, relacionados a outros setores ou ramos do cooperativismo, como turismo e agricultura, sem alinhamento aos objetivos ou que não atendessem aos critérios estabelecidos.

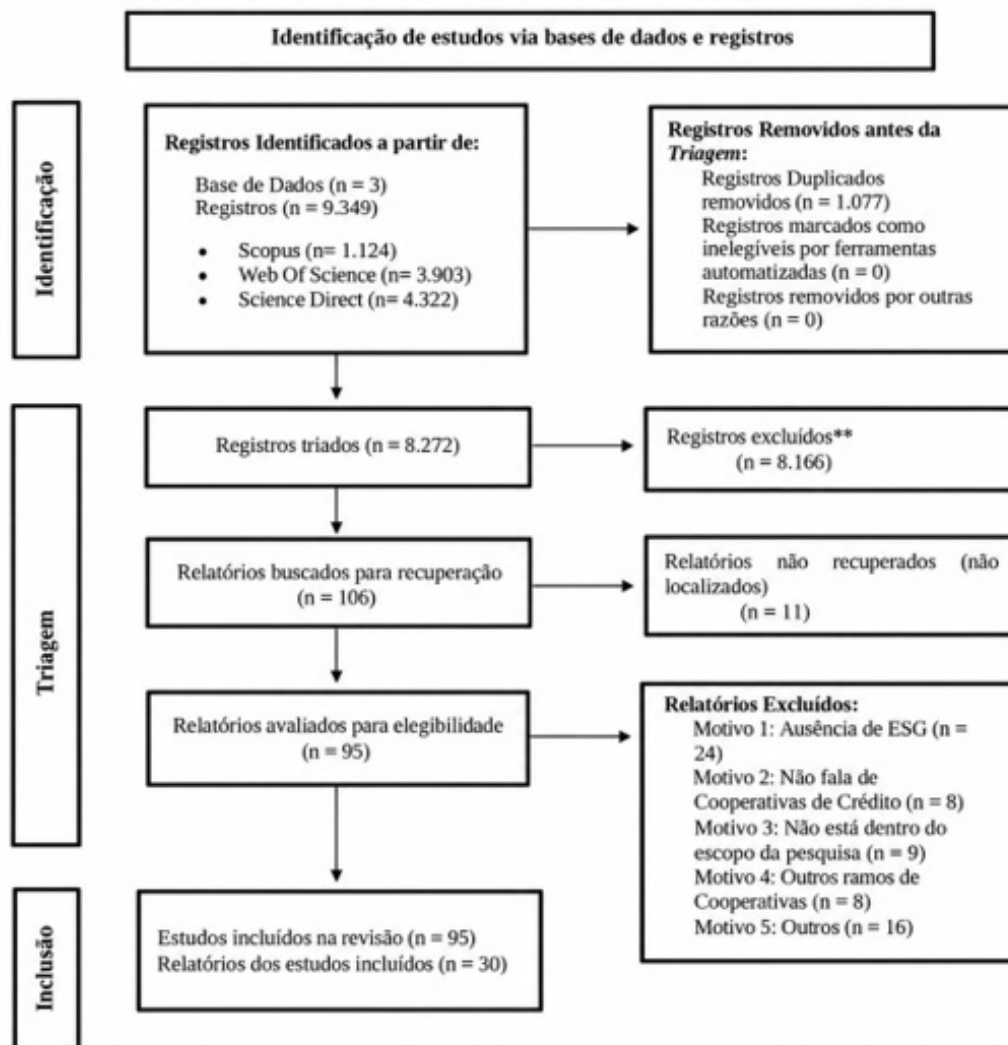
Na avaliação dos textos completos, 65 estudos foram excluídos: ausência da temática ESG (n = 24), não enquadramento no escopo das cooperativas de crédito (n = 8), inadequação ao escopo da pesquisa (n = 9), abordagem de outros ramos do cooperativismo (n = 8) e outros motivos (n = 16). Assim, 30 artigos compuseram o corpus final.

Os estudos foram triados com auxílio da plataforma Rayyan® e organizados em planilha do Microsoft Excel®, registrando-se título, autores, periódico, objetivo, principais resultados, contribuições e decisão de inclusão ou exclusão, com a respectiva justificativa.

Os 30 artigos foram submetidos à análise de conteúdo, conforme Bardin (2016), visando identificar padrões, recorrências e aproximações temáticas. Após a leitura integral e sistematização dos objetivos, abordagens e resultados, os estudos foram agrupados por similaridade temática. Desse processo emergiram quatro eixos: (1) Desempenho e Gestão de Riscos ESG; (2) Divulgação de Sustentabilidade, Transparência e Reputação; (3) Inovação e Transformação Digital no Setor Bancário; e (4) Sustentabilidade em Contextos Específicos. As categorias, portanto, emergiram da análise do corpus e orientaram a sistematização e discussão dos resultados.

A Figura 1 apresenta o fluxograma PRISMA do processo de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão, desde os registros inicialmente identificados até os 30 artigos que compuseram o corpus final.

Figura 1: Fluxograma PRISMA do processo de inclusão e exclusão de revisão do escopo de pesquisa.



FONTE: ELABORADO PELA AUTORA COM BASE NAS DIRETRIZES PRISMA (2020).

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Após a aplicação dos critérios de elegibilidade, 30 artigos compuseram o corpus final da revisão sistemática. Inicialmente, os estudos foram caracterizados considerando aspectos como ano de publicação, idioma, periódico e contexto geográfico, além dos principais enfoques teóricos e metodológicos identificados. Essa caracterização possibilitou traçar um panorama da produção

científica analisada e compreender como os estudos relacionados às práticas ESG e ao cooperativismo de crédito têm se desenvolvido no período investigado.

Em relação ao contexto geográfico, os 30 artigos analisados evidenciam diversidade quanto aos locais de realização das pesquisas. A Itália apresentou a maior concentração, com cinco estudos (16,7%), seguida pela China, com quatro (13,3%), e pela Polônia e Reino Unido, com três estudos cada (10,0%). Brasil e Romênia apresentaram dois estudos cada (6,7%). Os demais estudos foram desenvolvidos nos Emirados Árabes Unidos, Espanha, França, Índia, Indonésia, Taiwan, Ucrânia e Zimbábue, com uma publicação em cada contexto. Também foram identificados estudos de abrangência global, envolvendo múltiplos países e o contexto da União Europeia. Os resultados demonstram, portanto, a presença da temática em diferentes contextos geográficos, com maior representatividade de pesquisas desenvolvidas no contexto europeu.

Posteriormente, realizou-se a leitura integral dos artigos, considerando seus objetivos, abordagens teórico-metodológicas e principais resultados. Para a organização e interpretação do corpus, adotou-se a análise de conteúdo, conforme Bardin (2016), contemplando as etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento e interpretação dos resultados. A categorização ocorreu a partir da identificação de temáticas recorrentes nos estudos e do agrupamento dos conteúdos segundo suas similaridades e proximidades conceituais.

A partir desse processo analítico, emergiram quatro eixos temáticos: Desempenho e Gestão de Riscos ESG; Divulgação de Sustentabilidade, Transparência e Reputação; Inovação e Transformação Digital no Setor Bancário; e Sustentabilidade em Contextos Específicos. Ressalta-se que os eixos não foram definidos previamente, mas constituídos a partir da análise do corpus selecionado, considerando a recorrência, a convergência e a proximidade dos temas abordados nos artigos. A sistematização dos estudos nos respectivos eixos temáticos é apresentada no Quadro I.

Quadro I - Síntese dos resultados e argumentações por eixo temático.

Eixo Temático	Número de Artigos	Referências	Argumentação
Desempenho e Gestão de Riscos ESG	15	Nițescu et al. (2020), Bortnikov et al. (2022), Menicucci et al. (2022), Fiordelisi et al. (2023), Ielasi et al. (2023), Riviaccio et al. (2023), Cantero-Saiz et al. (2024), Korzeb et al. (2024), Palmieri et al. (2024), Pyka et al. (2024), Wu et al. (2024), Zournatzidou et al. (2024), Li et al. (2025), Liu et al. (2025) e Muchenje et al. (2025).	Demonstram a relevância da integração dos critérios ESG como indicadores de eficiência, estabilidade e resiliência.
Divulgação de Sustentabilidade, Transparência e Reputação	6	Makarenko et al. (2020); Sebastião et al. (2024); Siregar et al. (2024); Castilla-Polo et al. (2024); Kara et al. (2024); e Taneja et al. (2025).	Evidenciam o papel estratégico da divulgação ESG para a construção da legitimidade institucional.

Eixo Temático	Número de Artigos	Referências	Argumentação
Inovação e Transformação Digital no Setor Bancário	7	Chiaromonte et al. (2022); Dicuonzo et al. (2024); Galeone et al. (2024); Gehrig et al. (2024); Queiroz et al. (2024); Chen et al. (2025); e Nițescu et al. (2025).	Apontam uma lacuna na literatura quanto ao papel das tecnologias digitais como potencializadoras das práticas ESG.
Sustentabilidade em Contextos Específicos	2	Kara et al. (2024); Taneja et al. (2025)	Destacam a necessidade de adaptar as práticas ESG às realidades institucionais e territoriais.

FONTE: ELABORADO PELA AUTORA.

Desempenho e Gestão de Riscos ESG

Esta categoria concentra a maior parte dos estudos analisados, reunindo pesquisas que relacionam práticas ESG ao desempenho organizacional, à estabilidade financeira e à gestão de riscos no setor bancário. De modo geral, os resultados apontam que a incorporação de critérios ESG pode contribuir para a eficiência, a qualidade dos ativos e a redução da exposição a riscos, embora seus efeitos possam variar conforme a dimensão ESG analisada, o modelo de negócio e as características das instituições (Menicucci & Paolucci, 2023; Palmieri et al., 2024; Cantero-Saiz et al., 2024). Com isso, os estudos reforçam que práticas sustentáveis reduzem riscos e podem gerar vantagem competitiva, especialmente em contextos de incerteza.

Na dimensão ambiental, os estudos evidenciam contribuições relacionadas à redução de riscos e à estabilidade das instituições financeiras. Fiordelisi et al. (2023) identificaram que maior desempenho ambiental está associado à redução do risco futuro de quedas extremas no preço das ações, enquanto Palmieri et al. (2024) verificaram que seus efeitos sobre o risco de inadimplência das instituições bancárias variam conforme o modelo de negócio bancário. Esses resultados demonstram que as práticas ambientais podem contribuir para a mitigação de riscos, embora seus efeitos dependem das características das instituições e do contexto em que são implementadas.

Na dimensão social, os resultados apresentam maior heterogeneidade. Menicucci e Paolucci (2023) identificaram que os aspectos sociais não apresentam efeitos positivos consistentes sobre todos os indicadores de desempenho, enquanto Palmieri et al. (2024) observaram que os efeitos dessa dimensão sobre o risco bancário podem variar entre as instituições. No cooperativismo financeiro, entretanto, aspectos como inclusão financeira, proximidade com os membros e atuação voltada ao desenvolvimento local demonstram afinidade com a dimensão social do ESG (Korzeb et al., 2024).

Quanto à governança, os estudos destacam sua importância para a incorporação das práticas ESG aos processos organizacionais. A independência e a composição dos conselhos, bem como a existência de estruturas específicas voltadas à sustentabilidade, estão associadas a melhores resultados ESG (Menicucci & Paolucci, 2022; Zournatzidou, 2024). Dessa forma, a governança

contribui para estabelecer responsabilidades, orientar decisões e integrar aspectos ambientais e sociais às estruturas de gestão das instituições financeiras.

Além das dimensões individualmente analisadas, a literatura demonstra que os fatores ESG vêm sendo incorporados às estruturas tradicionais de gerenciamento de riscos bancários, relacionando-se aos riscos de crédito, reputacional, operacional, regulatório e estratégico (Nițescu & Cristea, 2020; Bortnikov & Lyubich, 2022; Pyka & Nocoń, 2024). Essa integração também alcança as decisões de financiamento, uma vez que a consideração de critérios ESG nas operações de crédito e investimento amplia a influência das instituições financeiras sobre as práticas sustentáveis das organizações financiadas (Ielasi et al., 2023; Li et al., 2025; Muchenje et al., 2025).

No contexto das cooperativas de crédito, características como propriedade pelos membros, governança democrática, atuação local e relações de longo prazo demonstram afinidade com os princípios ESG (Korzeb et al., 2024). Assim, os estudos desta categoria evidenciam que a contribuição do ESG para o desempenho e a gestão de riscos está associada à sua integração às estruturas de governança, aos processos decisórios e às práticas de gestão das instituições financeiras. A seguir, o Quadro 2 sintetiza as principais contribuições dos artigos analisados.

Quadro 2 - Artigos enquadrados na dimensão “Desempenho e Gestão de Riscos ESG”

Autores	Subdimensão	Contribuição do Estudo
Fiordelisi et al. (2023)	Desempenho organizacional e estabilidade financeira	ESG consolida a resiliência e reduz riscos de inadimplência em períodos de crise.
Muchenje e Dang (2025)	Governança corporativa e alinhamento com stakeholders	A governança é essencial para práticas éticas e alinhamento entre partes interessadas.
Nițescu & Cristea (2020)	Gestão de riscos e impacto reputacional	A falta de práticas ESG prejudica a reputação junto a clientes, investidores e reguladores.
Korzeb et al. (2024)	Atuação estratégica dos bancos cooperativos	Cooperativas alinham-se naturalmente aos princípios ESG e promovem inclusão em nichos negligenciados.
Pyka et al. (2024)	Exposição e gestão de riscos ESG	Propõe uma abordagem para mensurar a exposição dos bancos aos riscos ESG e sua relação com a estabilidade e a resiliência do setor bancário.
Zournatzidou et al. (2024)	Liderança e desempenho ESG	Evidencia a influência de executivos e não executivos sobre o desempenho ESG dos bancos, relacionando características da liderança às métricas ESG.
Bortnikov et al. (2022)	Gestão de riscos ESG	Sistematiza os riscos ESG no setor bancário e apresenta mecanismos para sua gestão, destacando também o papel das autoridades supervisoras na transformação sustentável.
Rivieccio et al. (2023)	ESG e desempenho financeiro	Analisa a influência das dimensões ambiental, social e de governança sobre o desempenho financeiro dos bancos, considerando indicadores como ROA e desempenho de mercado.
Liu et al. (2025)	Estratégia ESG e desempenho organizacional	Analisa os efeitos da implementação de estratégias ESG sobre diferentes dimensões do desempenho organizacional de uma instituição bancária.

Autores	Subdimensão	Contribuição do Estudo
Wu et al. (2024)	ESG e eficiência financeira	Examina a relação entre desempenho ESG e eficiência das instituições financeiras, considerando riscos e custos de agência como mecanismos mediadores.
Menicucci et al. (2022)	Governança e desempenho ESG	Relaciona a diversidade dos conselhos de administração ao desempenho ESG, considerando características como gênero, idade, formação e nacionalidade.
Li et al. (2025)	ESG e acesso ao crédito	Evidencia o papel dos investidores institucionais sustentáveis na redução da assimetria de informação e na ampliação do acesso ao crédito e ao financiamento verde.
Ielasi et al. (2023)	Mensuração do desempenho ESG	Propõe o BESGI Score como instrumento de mensuração e comparação do desempenho sustentável de bancos europeus e latino-americanos.
Palmieri et al. (2024)	ESG e risco de inadimplência	Analisa como os modelos de negócios bancários e os pilares ESG interagem na determinação do risco de inadimplência das instituições.
Cantero-Saiz et al. (2024)	ESG e qualidade dos ativos	Demonstra a relação entre práticas ESG e qualidade dos ativos bancários, considerando o efeito moderador da lucratividade sobre essa relação.

FONTE: ELABORADA PELA AUTORA.

Divulgação de Sustentabilidade, Transparência e Reputação

Esta categoria reúne estudos que analisam como as práticas ESG são comunicadas e avaliadas pelos stakeholders, com ênfase na qualidade dos relatórios de sustentabilidade, na transparência das informações e em seus reflexos sobre a reputação organizacional. A literatura aponta crescimento da divulgação de informações ambientais, sociais e de governança no setor financeiro, embora ainda persistam desafios relacionados à regulamentação, padronização e comparabilidade dos relatórios, especialmente em contextos nos quais os mecanismos regulatórios são menos desenvolvidos (Sebastião et al., 2024).

Nesse contexto, a transparência não depende apenas da quantidade de informações disponibilizadas, mas também de sua qualidade, conformidade e capacidade de representar as práticas efetivamente desenvolvidas pelas organizações. Makarenko et al. (2020) reforçam essa perspectiva ao demonstrarem que, apesar de níveis relativamente elevados de qualidade e conformidade nos relatórios bancários analisados, ainda existem oportunidades de melhoria quanto à padronização e à divulgação integral dos critérios ESG. Siregar et al. (2024), por sua vez, identificam relação positiva entre ESG e divulgação de sustentabilidade, além de apontarem a inovação verde como elemento que pode contribuir para a comunicação das práticas sustentáveis aos stakeholders.

Entretanto, maior divulgação não significa, necessariamente, maior transparência. A credibilidade das informações depende da correspondência entre aquilo que é comunicado e as práticas efetivamente realizadas. Nesse sentido, Venturelli et al. (2024) demonstram que inconsistências entre alegações ESG e desempenho podem gerar exposição reputacional, sobretudo quando

relacionadas ao pilar ambiental, reforçando a necessidade de informações verificáveis e coerentes com a atuação institucional. A governança assume papel relevante nesse processo ao influenciar a qualidade da divulgação e a implementação das estratégias ESG.

Além da função informacional, os critérios ESG também se relacionam ao desempenho das instituições. Chang et al. (2021) demonstram que seus efeitos sobre a eficiência bancária variam conforme o contexto econômico: práticas ambientais apresentaram contribuição para a eficiência de custos em economias asiáticas desenvolvidas, enquanto aspectos sociais e de governança tiveram maior contribuição nas economias em desenvolvimento. Esses resultados reforçam que a avaliação das informações ESG deve considerar as particularidades institucionais e econômicas em que as organizações estão inseridas.

No contexto cooperativo, Castilla-Polo et al. (2024) identificam desafios relacionados à formalização e padronização da divulgação ESG, o que dificulta a transparência e a comparação das informações entre as organizações. Diante dessa lacuna, os autores propõem o Cooperative ESG Disclosure Index (COOPESG), uma ferramenta que reúne diferentes indicadores para avaliar o quanto as cooperativas divulgam informações relacionadas às dimensões ambiental, social e de governança, permitindo identificar aspectos mais desenvolvidos e aqueles que ainda precisam ser aprimorados. Assim, os estudos convergem ao indicar que a divulgação de sustentabilidade pode fortalecer a transparência e a reputação institucional, desde que sustentada por informações padronizadas, verificáveis e coerentes com as práticas organizacionais. A seguir, o Quadro 3 sintetiza as principais contribuições dos artigos analisados nesta categoria:

Quadro 3 - Estratégias de divulgação ESG e seus impactos institucionais

Autores	Subdimensão	Contribuição do estudo
Sebastião et al. (2024)	Divulgação de Sustentabilidade e Transparência	Sistematiza a evolução das práticas de relato de sustentabilidade no setor bancário, identificando motivações, estratégias, desafios e limitações relacionados à divulgação de informações ESG.
Siregar et al. (2024)	Divulgação de Sustentabilidade e Transparência	Examina a relação entre desempenho ESG e divulgação da sustentabilidade, considerando a inovação verde e o sentimento dos investidores como elementos mediadores da qualidade dos relatórios de sustentabilidade.
Chang et al. (2021)	Imagem e Reputação Corporativa	Analisa a utilização conjunta de indicadores ESG e financeiros na avaliação da eficiência de custos das instituições bancárias asiáticas.
Makarenko et al. (2020)	Divulgação de Sustentabilidade e Transparência	Avalia a qualidade e a conformidade dos relatórios de sustentabilidade bancários e propõe um índice para mensurar sua adequação quanto a formato, conteúdo, regulamentação e auditoria.
Venturelli et al. (2024)	Imagem e Reputação Corporativa	Examina como práticas de ESG washing afetam a exposição reputacional dos bancos, destacando seus efeitos sobre a credibilidade institucional perante os stakeholders.
Castilla-Polo et al. (2024)	Divulgação de Sustentabilidade e Transparência	Desenvolve um índice de divulgação ESG específico para cooperativas, contribuindo para a mensuração e padronização da transparência das práticas de sustentabilidade nesse contexto.

FONTE: ELABORADA PELA AUTORA.

Inovação e Transformação Digital no Setor Bancário

Esta categoria inclui artigos que investigam como a inovação tecnológica contribui para o avanço da sustentabilidade no setor financeiro, com ênfase em cooperativas de crédito e bancos regionais. As tecnologias emergentes, como digitalização de processos, plataformas digitais sustentáveis e ferramentas de avaliação automatizada, têm sido destacadas como impulsionadoras da eficiência operacional, da transparência e do acesso responsável ao crédito.

À medida que os fatores ESG se tornam mais relevantes na tomada de decisões financeiras, instituições do setor reconhecem a importância de integrá-los a seus modelos de classificação e análise de risco de crédito, contribuindo para a consolidação de um sistema financeiro mais sustentável e resiliente (Chen, 2025).

Os estudos também apontam que a transformação digital pode representar um risco disruptivo caso as instituições não acompanhem adequadamente os avanços tecnológicos. Nesse contexto, o desafio está em compatibilizar inovação digital com responsabilidade socioambiental, promovendo impactos positivos que vão além da eficiência operacional (Putri et al., 2019).

As cooperativas de crédito se destacam nesse cenário por associarem sua expansão a práticas ESG e sustentabilidade corporativa, estruturando suas iniciativas com base em metas claras, monitoramento de resultados e transparência na comunicação com stakeholders (Queiroz et al., 2024).

Os estudos destacam que a transformação digital representa um vetor estratégico para modernização institucional, mas também impõe desafios às instituições que não conseguirem alinhar suas operações aos novos padrões tecnológicos e às exigências ambientais e sociais. A seguir, o Quadro 4 sintetiza as principais contribuições dos artigos analisados:

Quadro 4 - Inovação e Sustentabilidade no Setor Bancário

Autores	Subdivisão	Contribuições do Estudo
Chiaromonte et al. (2022)	ESG, estabilidade e risco bancário	Evidencia a contribuição das práticas ESG para a estabilidade bancária e a redução do risco de default, especialmente em períodos de crise e diante de mudanças regulatórias relacionadas à divulgação não financeira.
Nițescu et al. (2025)	ESG e estratégia organizacional	Demonstra a evolução do ESG de uma perspectiva de conformidade para uma abordagem estratégica, associada à criação de valor, atração de investimentos e diferenciação competitiva no setor bancário.
Queiroz et al. (2024)	Cooperativismo de crédito e sustentabilidade	Evidencia o papel das cooperativas de crédito no financiamento de modelos de negócios circulares e no estímulo a práticas sustentáveis e inovadoras.
Dicuonzo et al. (2024)	FinTech, governança e desempenho ESG	Identifica relações entre o desenvolvimento de tecnologias financeiras e o desempenho ESG dos bancos, considerando também características de governança corporativa.
Gehrig et al. (2024)	ESG e resiliência bancária	Demonstra como o engajamento em responsabilidade social e o desempenho ESG podem contribuir para a resiliência das instituições bancárias em níveis individual e sistêmico.

Autores	Subdivisão	Contribuições do Estudo
Galeone et al. (2024)	FinTech e sustentabilidade	Evidencia a associação entre digitalização, adoção de tecnologias FinTech e melhoria do desempenho ambiental, social e de governança das instituições financeiras.
Chen et al. (2025)	ESG e classificação de crédito	Demonstra a influência das dimensões ESG sobre as classificações de crédito dos bancos, com implicações para avaliação de riscos, regulação e estratégias bancárias sustentáveis.

FONTE: ELABORADA PELA AUTORA.

Sustentabilidade em Contextos Específicos

Esta categoria reúne estudos que evidenciam que os efeitos das práticas sustentáveis no setor financeiro não ocorrem de forma homogênea, mas podem variar conforme as condições sociais, institucionais, econômicas e conjunturais em que são implementadas. Nesse eixo, Kara et al. (2024) analisam a atuação responsável de instituições bancárias durante a pandemia da COVID-19, demonstrando como um cenário de crise pode alterar a percepção do mercado sobre ações socialmente responsáveis. Já Taneja et al. (2025) examinam, no contexto bancário indiano, os fatores que influenciam a adoção de serviços bancários sustentáveis pelos consumidores e sua contribuição para o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Em conjunto, os estudos reforçam que a adoção, a percepção e os resultados das práticas sustentáveis dependem das características específicas do contexto em que ocorrem. O Quadro 5 apresenta a sistematização dos estudos que compõem esse eixo.

**Quadro 5 - Sistematização dos estudos do eixo
Sustentabilidade em Contextos Específicos**

Autores	Subdivisão	Contribuições do estudo
Kara et al. (2024)	Responsabilidade social e sustentabilidade em períodos de crise	Analisa os efeitos das ações socialmente responsáveis dos bancos durante a pandemia da COVID-19, evidenciando que nem sempre foram valorizadas pelos investidores e, em alguns casos, estiveram associadas a desempenho negativo das ações.
Taneja et al. (2025)	Serviços bancários sustentáveis e ODS	Evidencia a influência dos consumidores na adoção de serviços bancários sustentáveis e sua contribuição para o alcance dos ODS.

FONTE: ELABORADA PELA AUTORA.

Discussão dos resultados

A revisão sistemática revelou que, apesar do crescente interesse acadêmico pelas práticas ESG no setor financeiro, ainda há escassez de estudos direcionados especificamente às cooperativas de crédito. Essa característica do campo demandou a adoção de critérios rigorosos de seleção e

elegibilidade, de modo a assegurar a aderência dos estudos ao objetivo da pesquisa. Observou-se, ainda, que a utilização do descritor “ESG” nas bases de dados resultou em um volume expressivo de publicações, evidenciando a expansão da temática na literatura recente e, simultaneamente, a necessidade de um processo criterioso de triagem para delimitação do corpus analisado.

Considerando a limitada produção direcionada especificamente às cooperativas de crédito, foram incluídos estudos desenvolvidos no setor financeiro e bancário que apresentavam aderência às dimensões investigadas e potencial de contribuição para a compreensão das práticas ESG no contexto das instituições financeiras. Essa delimitação possibilitou ampliar a análise sem afastar-se do escopo da pesquisa, permitindo identificar práticas, mecanismos e resultados que podem contribuir para a compreensão do ESG no contexto do cooperativismo de crédito.

A análise de conteúdo realizada a posteriori possibilitou a identificação de quatro categorias temáticas emergentes do corpus: (1) Desempenho e Gestão de Riscos ESG; (2) Divulgação de Sustentabilidade, Transparência e Reputação; (3) Inovação e Transformação Digital no Setor Bancário; e (4) Sustentabilidade em Contextos Específicos. A constituição dessas categorias ocorreu a partir da recorrência, similaridade e proximidade conceitual dos conteúdos identificados nos estudos, permitindo sistematizar diferentes perspectivas relacionadas à incorporação das práticas ESG no setor financeiro. Os resultados evidenciam relações entre ESG e aspectos como gestão de riscos, desempenho institucional, transparência, reputação, inovação tecnológica e sustentabilidade, demonstrando a multidimensionalidade da temática.

No que se refere especificamente à inovação, observou-se que sua relação com as práticas ESG foi abordada de forma menos aprofundada no corpus analisado quando comparada às discussões relacionadas ao desempenho, riscos, sustentabilidade e aspectos institucionais. Embora alguns estudos estabeleçam aproximações entre transformação digital, FinTech e desempenho ESG, ainda são limitadas as investigações que analisam de forma integrada inovação, ESG e cooperativas de crédito. Esse resultado evidencia uma oportunidade para o avanço da literatura, especialmente quanto à compreensão dos mecanismos pelos quais práticas de inovação e ESG podem ser incorporadas e institucionalizadas no contexto do cooperativismo de crédito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta revisão sistemática teve como objetivo identificar, sistematizar e analisar como a literatura científica tem abordado a relação entre práticas ESG e o desenvolvimento das cooperativas de crédito. A análise dos 30 artigos que compuseram o corpus permitiu identificar diferentes perspectivas acerca da incorporação das práticas ambientais, sociais e de governança no setor financeiro, organizadas em quatro eixos temáticos: Desempenho e Gestão de Riscos ESG; Divulgação de Sustentabilidade, Transparência e Reputação; Inovação e Transformação Digital no Setor Bancário; e Sustentabilidade em Contextos Específicos.

Em resposta ao objetivo proposto, os resultados demonstram que a literatura relaciona as práticas ESG principalmente ao desempenho e à gestão de riscos, à estabilidade e resiliência das instituições financeiras, à transparência e reputação institucional, à transformação digital e à adoção

de práticas sustentáveis. No contexto cooperativo, os estudos identificados também evidenciam aproximações entre sustentabilidade e características próprias do cooperativismo, especialmente no que se refere ao desenvolvimento local, à inclusão financeira, à responsabilidade social e ao relacionamento com a comunidade. Dessa forma, os achados indicam que as práticas ESG podem contribuir para o desenvolvimento das cooperativas de crédito tanto em aspectos econômicos e institucionais quanto sociais e ambientais.

A análise também evidenciou que a produção científica direcionada especificamente às cooperativas de crédito ainda é limitada, predominando estudos desenvolvidos no setor bancário e financeiro de forma mais ampla. Essa característica constituiu uma limitação da revisão e demandou a inclusão de estudos sobre instituições financeiras cujas abordagens apresentassem aderência ao objeto investigado. Ao mesmo tempo, esse resultado evidencia uma lacuna na literatura e reforça a necessidade de ampliar as investigações sobre ESG considerando as particularidades do modelo cooperativista.

Entre os temas identificados no corpus, a inovação e a transformação digital emergiram como uma das interfaces relacionadas às práticas ESG, sobretudo por meio de estudos sobre FinTech, digitalização e desempenho ambiental, social e de governança. Entretanto, verificou-se menor presença de pesquisas que relacionam diretamente inovação, ESG e cooperativas de crédito. Assim, em vez de constituir uma dimensão previamente estabelecida pela pesquisa, a inovação configura-se como um achado decorrente da análise do corpus, cuja relação com o cooperativismo de crédito ainda apresenta possibilidades de aprofundamento científico.

A principal contribuição teórica do estudo reside na sistematização das abordagens identificadas na literatura, permitindo compreender os principais temas associados às práticas ESG no setor financeiro e suas interfaces com o cooperativismo de crédito. Do ponto de vista prático, os resultados podem contribuir para que gestores de cooperativas reconheçam aspectos relacionados à gestão de riscos, transparência, responsabilidade social, sustentabilidade e transformação digital como elementos relevantes para o desenvolvimento institucional. No âmbito social, os achados reforçam a importância das cooperativas de crédito enquanto organizações potencialmente capazes de conciliar desempenho econômico, inclusão financeira, desenvolvimento local e responsabilidade socioambiental.

Como agenda para pesquisas futuras, recomenda-se ampliar a realização de estudos empíricos direcionados especificamente às cooperativas de crédito, utilizando abordagens qualitativas, quantitativas ou mistas que permitam avaliar a adoção e os efeitos das práticas ESG nesses contextos. Também se mostra pertinente aprofundar as relações identificadas nesta revisão entre ESG e inovação, transformação digital, economia circular, gestão de riscos e governança, considerando as particularidades institucionais e os princípios que caracterizam o cooperativismo de crédito.

REFERÊNCIAS

- Atchabahian, A. C. R. (2022). ESG: Teoria e prática para a verdadeira sustentabilidade nos negócios. Expressa.
- Barbieri, J. C. (2023). Inovação e desenvolvimento sustentável. Editora Blucher.
- Belhouari, A., et al. (2005). La responsabilidad social de las empresas: ¿Un nuevo valor para las cooperativas? CIRIEC-España, Revista de Economía Pública, Social y Cooperativa, (53), 191–208.
- Bessant, J., & Tidd, J. (2019). Inovação e empreendedorismo (3ª ed.). Bookman.
- Bortnikov, H., & Liubych, O. (2022). Управління ESG-ризиками в українських банках [Managing ESG risks in Ukrainian banks]. Financial and Credit Activity: Problems of Theory and Practice, 6(47), 19–33. <https://doi.org/10.55643/fcaptop.6.47.2022.3885>
- Cantero-Saiz, M., Polizzi, S., & Scannella, E. (2024). ESG and asset quality in the banking industry: The moderating role of financial performance. Research in International Business and Finance, 69, 102221. <https://doi.org/10.1016/j.ribaf.2024.102221>
- Castilla-Polo, F., García-Martínez, G., Guerrero-Baena, M. D., & Polo-Garrido, F. (2024). The cooperative ESG disclosure index: An empirical approach. Environment, Development and Sustainability. <https://doi.org/10.1007/s10668-024-04719-x>
- Cepinski, J., Žirgūtis, V., & Žirgūtienė, S. (2014). Financial cooperatives as drivers for sustainable development in the knowledge economy. Environmental Research, Engineering and Management, 66(4), 38–50.
- Chang, H.-Y., Liang, L.-W., & Liu, Y.-L. (2021). Using Environmental, Social, Governance (ESG) and financial indicators to measure bank cost efficiency in Asia. Sustainability, 13(20), 11139. <https://doi.org/10.3390/su132011139>
- Chiaromonte, L., Dreassi, A., Girardone, C., & Piserà, S. (2022). Do ESG strategies enhance bank stability during financial turmoil? Evidence from Europe. The European Journal of Finance, 28(12), 1173–1211. <https://doi.org/10.1080/1351847X.2021.1964556>
- Chen, S.-L., Wang, D.-N., & Chen, H.-W. (2025). The impact of ESG factors on credit ratings: An empirical study of European banks. International Review of Economics & Finance, 99, 104056. <https://doi.org/10.1016/j.iref.2025.104056>
- Dicuonzo, G., Donofrio, F., Rinaldo, S., & Dell'Atti, V. (2022). The effect of innovation on environmental, social and governance (ESG) practices. Meditari Accountancy Research, 30(4), 1191–1209. <https://doi.org/10.1108/MEDAR-12-2020-1120>
- Dicuonzo, G., Palmaccio, M., & Shini, M. (2024). ESG, governance variables and Fintech: An empirical analysis. Research in International Business and Finance, 69, 102205. <https://doi.org/10.1016/j.ribaf.2023.102205>
- Drucker, P. (1985). Innovation and entrepreneurship. Harper & Row.
- Forcadell, F. J., Aracil, E., & Úbeda, F. (2019). The influence of innovation on corporate sustainability in the international banking industry. Sustainability, 11(11), 3210. <https://doi.org/10.3390/su11113210>
- Franke, W. (1973). Direito das sociedades cooperativas: Direito cooperativo. Saraiva.
- Fiordelisi, F., Ricci, O., & Santilli, G. (2023). Environmental engagement and stock price crash risk: Evidence from the European banking industry. International Review of Financial Analysis, 88, 102689. <https://doi.org/10.1016/j.irfa.2023.102689>
- Ielasi, F., Bellucci, M., Biggeri, M., & Ferrone, L. (2023). Measuring banks' sustainability performances: The BESGI score. Environmental Impact Assessment Review, 102, 107216. <https://doi.org/10.1016/j.eiar.2023.107216>
- Galeone, G., Rinaldo, S., & Fusco, A. (2024). ESG and FinTech: Are they connected? Research in International Business and Finance, 69, 102225. <https://doi.org/10.1016/j.ribaf.2024.102225>
- Gehrig, T., Iannino, M. C., & Unger, S. (2024). Social responsibility and bank resiliency. Journal of Financial Stability, 70, 101191. <https://doi.org/10.1016/j.jfs.2023.101191>
- Global, Pacto. (2025). ESG: Entenda o significado da sigla ESG (Ambiental, Social e Governança) e saiba como inserir esses princípios no dia a dia de sua empresa. <https://www.pactoglobal.org.br/esg/>
- Jeucken, M. (2010). Sustainable finance and banking: The financial sector and the future of the planet. Presencing Institute.
- Jesuka, D., et al. (2025). O impacto da inovação verde e do desempenho ESG na dívida da firma. BBR: Brazilian Business Review, 22, e20231610.
- Bezerra Júnior, J. (2023). As práticas de ESG e o cooperativismo. Revista APMED, 2(1).
- Kara, A., Ongena, S., & Yildiz, Y. (2024). Does being a responsible bank pay off? Evidence from the COVID-19 pandemic. Journal of Financial Stability, 74, 101317. <https://doi.org/10.1016/j.jfs.2024.101317>

- Krug, A. U. (2023). Cooperativismo, modelo de desenvolvimento sustentável: Uma contribuição fundamentada nos princípios ESG para cooperativas agropecuárias do Rio Grande do Sul.
- Korzeb, Z., Niedziółka, P., Szpilko, D., & Torre Gallegos, A. de la. (2024). A bibliometric analysis of ESG performance in the cooperative banks: From the current status to future directions. *Economics and Environment*, 89(2), 809. <https://doi.org/10.34659/eis.2024.89.2.809>
- Liu, W., & Yan, H. (2025). The evaluation of ESG strategy implementation effect based on performance prism: Evidence from the industrial and commercial bank of China. *Humanities and Social Sciences Communications*, 12, 395. <https://doi.org/10.1057/s41599-025-02683-6>
- Li, S., Jiang, Y., & Dong, L. (2025). Financing sustainability: Sustainable institutional investors and bank loan access. *Journal of International Money and Finance*, 139, 103387. <https://doi.org/10.1016/j.jimonfin.2025.103387>
- Makarenko, I., Sukhonos, V., Zhuravlyova, I. V., Legenchuk, S., & Szołno, O. (2020). Sustainability reporting assessment for quality and compliance: The case of Ukrainian banks' management reports. *Banks and Bank Systems*, 15(2), 117–129. [https://doi.org/10.21511/bbs.15\(2\).2020.11](https://doi.org/10.21511/bbs.15(2).2020.11)
- Menicucci, E., & Paolucci, G. (2022). Board diversity and ESG performance: Evidence from the Italian banking sector. *Sustainability*, 14(20), 13447. <https://doi.org/10.3390/su142013447>
- Muchenje, L. T., Coupe, T., & Dang, H. D. (2025). Credit development and ESG performance: Cross-country evidence. *Research in International Business and Finance*, 78, 103007. <https://doi.org/10.1016/j.ribaf.2025.103007>
- Nițescu, D. C., & Cristea, M.-A. (2020). Environmental, social and governance risks – new challenges for the banking business sustainability. *Economic Amphitheater*, 22(55). <https://doi.org/10.24818/EA/2020/55/692>
- Nițescu, D. C., Ciobanu, R., Călin, A. E., Rusu, A.-G., & Vierescu, E.-M. (2025). From cost to opportunity: The role of ESG in banking. *Amfiteatru Economic*, 27(68), 235–252. <https://doi.org/10.24818/EA/2025/68/235>
- Palmieri, E., Ferilli, G. B., Altunbas, Y., Stefanelli, V., & Geretto, E. F. (2024). Business model and ESG pillars: The impacts on banking default risk. *International Review of Financial Analysis*, 91, 102978. <https://doi.org/10.1016/j.irfa.2023.102978>
- Pinho, C. M. D., Gonçalves, T. J. C., & de Lima, D. H. S. (2020). As práticas de governança corporativa em uma cooperativa de crédito. *Anais do Congresso USP de Iniciação Científica em Contabilidade*.
- Porter, M. (1980). *Competitive strategy*. Free Press.
- Putri, W. H., Nurwiyanta, N., Sungkono, S., & Wahyuningsih, T. (2019). A FinTech emergente e a folga financeira no desempenho financeiro corporativo. *Investment Management and Financial Innovations*, 16, 348–354.
- Pyka, I., & Nocoń, A. (2024). Exposure to the ESG risk of the Polish banking sector. *Economics and Environment*, 88(1). <https://doi.org/10.34659/eis.2024.88.1.701>
- Queiroz, F., Lima, N. C., Queiroz, J., Oliveira, R. C. de, & Marques, E. L. (2024). Cooperativas de crédito e economia circular: Estratégias para alavancar os modelos de negócios circulares. *Revista Tecnologia e Sociedade*, 20(60). <https://doi.org/10.3895/rts.v20n60.18294>
- Ribeiro, A. R. (2024). *A força do ESG*. Editora Alta Books.
- Rivieccio, G., Beltrame, F., & Scip, A. (2023). ESG dimensions and bank performance: An empirical investigation in Italy. *Corporate Governance: The International Journal of Business in Society*, 23(9), 1679–1701. <https://doi.org/10.1108/CG-03-2022-0094>
- Ruggie, J. (2021). Keynote address by John Ruggie at the event “The ‘S’ in ESG: Best practices and the way forward?”. Shift. <https://shiftproject.org/keynote-ruggie-s-esg-july-2021/>
- Salim, C. (2009). *Introdução ao empreendedorismo*. GEN Atlas.
- Santos, P. M. S. (2012). La banca ética en Europa: El enfoque del crédito como criterio de configuración de un espacio de alternativa. *CIRIEC-España, Revista de Economía Pública, Social y Cooperativa*, (75), 276–299.
- Schneider, J. O. (1999). *Democracia, participação e autonomia cooperativa*. Unisinos.
- Schumpeter, J. A. (1949). *Theory of economic development*. Harvard University Press.
- Sicoob. (2023). Quais são os 7 princípios do cooperativismo? https://www.sicoob.com.br/web/sicoob/noticias/-/asset_publisher/xAiolawpOI5S/content/id/169313443
- Soler, F., & Palermo, C. (2023). ESG (ambiental, social e governança): Da teoria à prática. *Expressa*.
- Siregar, I. F., Ismail, T., Taqi, M., & Soleha, N. (2024). Influence of ESG on sustainability reporting: Mediation rule of green innovation and investor sentiment. *International Journal of Energy Economics and Policy*, 14(1), 452–463. <https://doi.org/10.32479/ijeep.14988>
- Sebastião, A. M., Tavares, M. C., & Azevedo, G. (2024). Evolução e desafios dos relatórios de sustentabilidade no setor bancário: Uma revisão sistemática da literatura. *Administrative Sciences*, 14(12), 333. <https://doi.org/10.3390/admsci14120333>

- Taneja, S., Siraj, A., Mathiyazhagan, K., & Khorana, S. (2025). From demand to impact: Can sustainable banking services advance UN Sustainable Development Goals? *Business Strategy and the Environment*. <https://doi.org/10.1002/bse.4142>
- Vaz, E. D., & Pigatto, G. A. S. (2023). Uma revisão e algumas reflexões sobre indicadores de avaliação de sustentabilidade em cooperativas. *Revista de Gestão e Organizações Cooperativas*, 9(18), e6. <https://doi.org/10.5902/2359043263563>
- Venturelli, V., Pedrazzoli, A., Pennetta, D., & De Novellis, G. (2024). Assessing the influence of ESG washing on bank reputational exposure: A cross-country analysis. *Business Ethics, the Environment & Responsibility*. <https://doi.org/10.1111/beer.12727>
- Viana, C. L., Vaccaro, G. L. R., & Venzke, C. S. (2018). Sustentabilidade e os diferenciais cooperativos: Um estudo em um sistema cooperativo de crédito. *Revista de Gestão e Organizações Cooperativas*, 5(9). <https://doi.org/10.5902/2359043230627>
- Zeng, H., Li, R. Y. M., & Zeng, L. (2022). Evaluating green supply chain performance based on ESG and financial indicators. *Frontiers in Environmental Science*, 10, 982828.
- Zournatzidou, G. (2024). Evaluating executives and non-executives' impact toward ESG performance in banking sector: An entropy weight and TOPSIS method. *Administrative Sciences*, 14(10), 255. <https://doi.org/10.3390/admsci14100255>
- Wu, Z., & Chen, S. (2024). Does Environmental, Social, and Governance (ESG) performance improve financial institutions' efficiency? Evidence from China. *Mathematics*, 12(9), 1369. <https://doi.org/10.3390/math12091369>